

A IMAGEM DA CAPA

A discussão sobre cidades criativas perpassa por muitas visões, algumas delas econômicas e outras culturais. Podemos restringir nosso olhar sob um ponto de vista específico, mas não devemos esquecer o equilíbrio que deve nortear o desenvolvimento de uma cidade e entender todas as manifestações inatas e emergentes durante seu crescimento. Como elaborar planos de progresso para uma cidade sem ouvi-la, sem entendê-la ou percebê-la? A relação com a cidade tem que ser respeitosa para não a ferir.

Durante reformas urbanísticas elaboradas no Rio de Janeiro nas décadas de 50 a 70, observamos o desprezo por marcos arquitetônicos que coadunavam com total aderência à natureza regional. A natureza do Rio resiste, às vezes reclama e reage aos nossos olhos, mas pouco fazemos para revitalizá-la. Não podemos esquecer que a necessidade de moradia é constante desde as comunidades aos edifícios luxuosos; não se pode prever progresso sem desenvolvimento e aumento demográfico em contrapartida de uma cidade restrita e parada no tempo.

Não se pode negar a beleza de prédios imponentes, mas, por outro lado, temos saudades de outros tão especiais e, às vezes, estranhos e misteriosos. Assim era a mansão do Martinelli na avenida Oswaldo Cruz.

Quando pequena, passando na frente da casa, minha mãe me contava uma história de que o dono tinha ouvido de uma vidente que, quando ele parasse de fazer obras na casa, ele morreria. Talvez por isso Martinelli tenha sido compulsivo em suas reformas. Da rua podíamos ver um caramanchão e uma capela. Diziam ter outras edificações morro acima.

Procurando referências na Internet, achei textos e fotos curiosos no site de Andre Decourt que me chamaram atenção.

“A casa construída anos antes seguindo projeto do arquiteto alemão Driendl para o banqueiro Custódio D’Almeida Magalhães, foi reformada a fundo por Virzi a mando do seu novo proprietário o Comendador Martinelli em 1919.

Da casa original pouco sobrou, sendo coberta por uma casca de estuque e *fer-forgè* que alteraram completamente todo o estilo original da construção, num monumento à volúpia.

Todos os espaços entre o teto e as paredes foram preenchidos com relevos de estuque formando estalactites góticas, além dos tetos completamente ornados, lustres exclusivos, claraboias e janelas e escadas com intensos trabalhos de serralheria que muitas vezes remetiam às gelosias do séc. XVIII.” (DECOURT, 2008)

Tanto o interior como externamente a casa teve sua arquitetura deturpada passando de um chalé germânico para uma mansão estranha e um pouco grotesca.

“Infelizmente a Casa Martinelli foi ao chão na segunda metade dos anos 70, como outras construções do arquiteto, com o Elixir Nogueira menos de 3 anos antes, mesmo sob protestos.” (DECOURT, 2008)

Quando conversei com Elisa Guerra, responsável pela foto da capa, comentamos sobre o Edifício Martinelli e as lembranças que tínhamos. A ideia da foto, em

princípio, seria para mostrar a natureza em contraste com as construções urbanas, tão típicas de uma cidade criativa em transformação. Mas a partir da pesquisa, achei propício relacioná-la com fotos da casa anterior que existia no terreno, tão famosa na cidade.

Trouxe para a capa, compondo com a foto atual principal, as fotos do chalé e as da casa misteriosa ligadas ao edifício atual.

Eliana Formiga

Citações e fotos da Casa Martinelli da capa:

DECOURT, Andre. <http://www.rioquepassou.com.br/2008/12/10/casa-martinelli-anos-5060/>. Acesso em 30/10/2018.